

Se tu acreditas que é por meu gosto! Diálogo-Meio Ato

Jacinto Benavente

Tradução de Rodrigo Conçole Lage¹
UNISUL

¡Si creerás tú que es por mi gusto! foi publicada em 1925 no volume 30 do *Teatro*² juntamente com as peças *La virtud sospechosa* e *Nadie sabe lo que quiere o El bailarín y el trabajador*. Curiosamente, ao contrário do que comumente acontecia, ela ainda não havia sido representada. A primeira representação foi feita no dia 29 de dezembro de 1928 pela *El Caracol (Compañía Anónima Renovadora del Arte Cómico Organizada Libremente)*, que foi criada por Cipriano de Rivas Cherif³ (FRUTOS; DOUGHERTY, 1997, p. 196).

PERSONAGENS

OLIVIA ϗ **MATEO**

Se tu acreditas que é por meu gosto!

Uma sala de estar qualquer.

OLIVIA Não cumprimente, não digas nada! Que amável! Que imbecil!

MATEO Isso sim. Imbecil, mas que imbecil! Imbecil, como todos os que confiam numa mulher!

OLIVIA Temos cena? Pois não! Isso não! (*Preparando-se para sair.*) Até que tu me chames, até que tu digas, e para dizer o contrário, porque não pense que vou suportar cenichas a esta altura.

¹ Graduado em História (UNIFSJ). Especialista em História Militar (UNISUL). Professor de História da SEEDUC-RJ no Colégio Estadual Governador Roberto Silveira. E-mail: rodrigo.lage@yahoo.com.br

² BENAVENTE, Jacinto. *Teatro*. Tomo vigésimo octavo. Madrid: Livraria de los sucessores de Hernando, 1923. Disponível em: <<https://archive.org/details/teatrobe28benauoft>>. Acesso em: 23 mar. 2020.

³ FRUTOS, María Francisca Vilches de; DOUGHERTY, Dru. *La Escena Madrileña Entre 1926 y 1931: Un Lustro de Transición*. Madrid: Editorial Fundamentos, 1997.

MATEO Não sairás daqui.

OLIVIA Ameaças não! Isso eu não tenho consentido a ninguém, e muito menos a ti!

MATEO Menos a mim, não é verdade? Porque eu sou menos que ninguém; porque eu sou o mais ridículo, o mais crédulo, a quem se engana como não te atreveste a enganar o teu marido.

OLIVIA E por que eu enganei o meu marido? Se acha que foi por meu gosto...!

MATEO Pelo seu não seria... Suponho...

OLIVIA Estou por dizer que sim; porque quando um marido não tem dinheiro, nem trabalha para tê-lo, mas não pode prescindir de gastá-lo e de que o gaste sua mulher, e quando vê que nada traz a sua casa e nada falta nela, e não pergunta de onde sai, o natural, o lógico é acreditar que não lhe importa, e até que lhe agrada. E isso eu fazia: agradá-lo.

MATEO Mas como eu não sou teu marido, não estou no mesmo caso.

OLIVIA No caso de ser meu marido, não, por sorte. No caso de não te importar aonde se gasta o que tu não pagas, exatamente como ele.

MATEO Como nunca me pediste nada, sempre pensei que de nada precisavas.

OLIVIA Delicadeza por delicadeza. Eu tinha a de não pedir; tu tiveste a de não oferecer.

MATEO Eu sempre acreditei que me querias por mim mesmo.

OLIVIA Ah! Não pode duvidar disso; mas devia supor que, por isso, porque te queria com absoluto desinteresse, de algo tinha que viver. É disso que você está informado, ou foste informado agora? Diga que agora te convém sabê-lo, mas não digas que não sabia.

MATEO Eu sempre pensei que vivias de tua orfandade⁴.

OLIVIA Mas não sabes que minha orfandade é de oitenta pesetas? Pensavas que eu podia viver com oitenta pesetas?

MATEO Uma mulher só...

⁴ Isto é, que vivia da pensão que por direito, ou por algum outro motivo, os órfão recebem.

OLIVIA É que eu não sou uma mulher como as outras. Almoço⁵ e como todos os dias; tenho um pequeno apartamento em que vivo; una criada que também almoça e come como eu.

MATEO Não brinque com isso. Eu sei muito bem que com oitenta pesetas não se vive. Mas tu tens boas amizades que podiam ajudar-te em algo.

OLIVIA Se você acredita que ninguém ajuda, como tu dizes, pelo lindo rosto duma. Quer dizer, se ajudam é por isso.

MATEO E te vendeste?

OLIVIA Isso, que o digam os outros. Tu só deves dizer: «E tens dado?»

MATEO E dizes os outros? Não era um só?

OLIVIA Suponhamos que foram muitos. Tu achas que foi por meu gosto? O que mais queria a modista era que uma só cliente lhe comprasse todos os vestidos; o que mais queria o médico do que um só enfermo que lhe pagasse tudo o que ele precisa para viver; o que mais queria o empresário do que um só espectador que lhe tirasse todos os ingressos; o que mais queria o Governo do que um só contribuinte que pegasse todos os encargos do Estado.

MATEO Que comparações ridículas!

OLIVIA Então, sem comparações. O que mais eu queria era que um só me desse tudo o que eu preciso, e esse foi tu.

MATEO Então seria só eu, não é? Um afeto interessado.

OLIVIA Mas, se o queres desinteressado, tenho que te enganar, e se queres que deixe de te enganar, tem que deixar de ser desinteressado. Escolhe.

MATEO As mulheres, em qualquer assunto, não comprehendem mais do que os extremos.

OLIVIA A média nesta questão seria que eu te enganassem um pouco menos, e tu pagasses um pouco mais. O resultado, o mesmo. Diz que nós as mulheres temos um sentido mais claro da realidade, e os homens não tens mais senso que o de vosso egoísmo. Compreenderás que, posta a enganar-te, teria te enganado a meu gosto: com o

⁵ O termo é ambíguo porque pode se referir tanto ao almoço quanto ao café da manhã.

chofer de minha amiga Julia, que é um belo rapaz; com o encanador que veio no outro dia a arrumar o banheiro, que é um Apolo. Mas os demais... Se os conhecesse compreenderias que não pode ter sido por gosto. De quem te falaram? O que sabes?

MATEO Eu suspeitava de um só. Agora vejo com horror que tu mesma não podes contá-los.

OLIVIA Ah! Sim, sim. Os contarei se quiseres. As situações claras.

MATEO Chamas clareza ao cinismo?

OLIVIA A mim, me parece mais cinismo a obscuridade.

MATEO Que obscuridade?

OLIVIA A tua. Na que você gostava de viver, porque era mais cômodo.

MATEO Que queres dizer com isso de comodidade?

OLIVIA Meu filho, que de tolo ou canalha não foges. Escolhe.

MATEO Pois não sou tolo nem canalha, para sua informação.

OLIVIA Já sabes que eu estudei o curso de Comércio, e sei um pouco de Matemáticas. Tu não, pelo visto.

MATEO O que teriam a ver as Matemáticas com tudo isto?

OLIVIA Ah! Mas neste mundo tudo pode ser explicado pelas Matemáticas. Equação de primeiro grau: oitenta pesetas de minha orfandade, mais afeição desinteressada, igual X. Neste X ponha tudo o que eu precisei para viver nesse tempo, e terás a equação resolvida. Quer mais claro?

MATEO És uma miserável!

OLIVIA Suponho que essa increpação lha dirigirás a tua consciência, que é a que tem estado te enganando miseravelmente. Eu não. Eu não engano. Supunha, devia supor que imaginavas tudo. Agradecia-te que não me preguntasses nada. «Aceita a situação porque a compreendeu», eu pensava. Pelo visto, a aceitavas sem compreendê-la, e não a teria compreendido nunca se o sem-vergonha do teu amigão não tivesse te inteirado do que ele, e como ele muitos outros, estavam inteirados. E isso é o que te importa: a

opinião dos demais. A minha, a tua, a nossa, essa não importa. Eu só pensava: – Eu o quero e ele me quer, e porque nos queremos estamos nos lixando para tudo.» Porque eu não me parecia má; tu me parecias bom. Agora eu te pareço má, tu tens que me parecer pior. Se tu me qualificas como me cabe, eu te qualificarei reciprocamente. Do conceito que tu tiveres de mim depende o que eu deva ter de ti. Se pensas que por achar que eu quis a alguns mais que a ti te dignificas com teus ciúmes, perdes o tempo, porque eu não quero a ninguém mais que a ti. Sacrificei-me porque te queria, e queria que minha afeição fosse desinteressada, para que não duvidasses nunca dela.

MATEO Você se sacrificou?

OLIVIA Sacrificado, sacrificado. Se acha que foi por meu gosto! E a única vez que deixei de sacrificar-me, aqui tens o resultado; porque, é bom que o saibas, se o sem-vergonha de teu amigão, já sabes que me refiro a Pérez Méndez, saiu te contando coisas, muito mal contadas; porque ele só te falou de um, para que tu acreditassem que eu tenho um amante.

MATEO E não é um: são muitos.

OLIVIA Não são tantos; mas é como se fosse; isso te provará que não pode ser um amante. Mas isso é o de menos; o que importa é que saibas que se o sem-vergonha do Pérez Méndez tem-te perturbado foi porque andava atrás de mim; e como eu, alguma vez eu tinha que fazer meu gosto, não consenti em dormir com ele, por isso... Não me negarás o direito de não ser sempre eu a que se sacrifica... E como pode ver, a única vez que não me sacrifico, é para que tenhamos um desgosto. Vê como os homens são uns egoístas?

MATEO Então Pérez Méndez andava atrás de ti?

OLIVIA Aí está a garota; ela te dirá se não tive que chamá-la uma tarde que, aqui mesmo, sentada eu onde tu estás, quis violar-me como um selvagem. Lembra-te que quando vieste achou estranho ver-me com outro vestido. Como me fez um rasgo na blusa egípcia! Já deve ter notado que não voltei a vesti-la.

MATEO Que seja verdade!

OLIVIA E, além disso, deve ter-te pedido dinheiro, e tu lhe terá dado.

MATEO Ele te disse?

OLIVIA Quinhentas pesetas. Atreveu-se a me oferecê-las.

MATEO Miserável! Havia me tirado mil!

OLIVIA Se chegasse a sabê-lo! Vê? A única vez que não me sacrificiei, custou-te o dinheiro e temos um desgosto. Vê como são os homens? Deixam-se enganar por qualquer um, e logo vem pedir contas a uma pobre mulher quando se sacrifica por vocês; contas de sua fidelidade... Mas, o que é a fidelidade? Eu fui fiel a tua afeição, embora não tenha sido a ti. Se eu tivesse te desrespeitado por meu gosto, teria sido a mulher mais desprezível; mas como vocês não sabem fazer mais do que vosso gosto, como não dais nenhuma importância a vossas infidelidades, acham que nós as mulheres também não lhes damos nenhuma, que é por capricho, por vaidade, por diversão, como vocês. Não, filho, para uma mulher estas coisas são muito sérias. A mim me diriam que uma mulher tinha dormido com um regimento, e nunca me ocorreria pensar mal dela. Diria: «Desgraçada; estou segura de que não foi por seu gosto; levava uma ideia, uma ideia grande. És uma Joana d'Arc.»

MATEO Abusas dos textos históricos. Joana d'Arc⁶ distinguiu-se pelo contrário.

OLIVIA E tu acreditas que isso a engrandece aos meus olhos? Da outra maneira seria maior; eu a teria canonizado duas vezes.

MATEO És enorme, Olivia. Nietzsche⁷ e tu...

OLIVIA Não; eu sou só uma mulher que ha lido um pouco e que viu muito.

MATEO Sobretudo isso; mas és enorme, grandiosa; reduz-me a nada. (*Dirigindo-se ao público.*) Que te perdoem estes senhores como eu te perdoo.

CORTINA

⁶ Ele se refere ao fato dela ser comumente conhecida como a *La Pucelle d'Orleans* (A virgem de Orleans), enquanto Olivia admite ter tido relações com vários homens.

⁷ Essa comparação com o filósofo alemão diz respeito às ideias que ele desenvolveu. As ações de Olivia podem ser vistas como uma manifestação do que Nietzsche chamou de “Vontade de Poder” e ela seria um exemplo do *Übermensch*, termo que costuma ser traduzido como “super-homem” ou como “além-do-homem”.

¡SI CREERÁS TÚ QUE ES POR MI GUSTO!

DIÁLOGO-MEDIO ACTO

Jacinto Benavente

PERSONAJES

OLIVIA κ MATEO

¡Si creerás tú que es por mi gusto!

Una salita cualquiera.

OLIVIA ¡No saludes, no digas nada! ¡Qué amable! ¡Qué imbécil!

MATEO Eso sí. ¡Imbécil, más que imbécil! ¡Imbécil, como todo el que se fía de una mujer!

OLIVIA ¿Escena tenemos? ¡Pues no! ¡Eso no! (*Disponiéndose a salir.*) Hasta que tú me llames, hasta que tú digas, y para decir otra cosa, por que no pienses que voy a soportar escenitas a estas alturas.

MATEO No saldrás de aquí.

OLIVIA ¡Amenazas no! ¡Eso no se lo he consentido a nadie, y menos a ti!

MATEO Menos a mí, ¿verdad? Porque yo soy menos que nadie; porque yo soy el más ridículo, el más confiado, al que se engaña como no te atreviste a engañar a tu marido.

OLIVIA ¡Y por qué engañó yo a mi marido? ¡Si crees que fué por mi gusto...!

MATEO Por el suyo no sería... Supongo...

OLIVIA Estoy por decir que sí; porque cuando un marido no tiene dinero, ni trabaja por tenerlo, pero no puede prescindir de gastarlo y de que lo gaste su mujer, y cuando ve que nada trae a su casa y nada falta en ella, y no pregunta de dónde sale, lo natural, lo lógico es creer que no le importa, y hasta que le complace. Y eso hacía yo: complacerle.

MATEO Pero como yo no soy tu marido, no estoy en el mismo caso.

OLIVIA En el caso de ser mi marido, no, por suerte. En el caso de no importarte de dónde se gasta lo que tú no pagas, exactamente a él.

MATEO Como nunca me has pedido nada, he creído siempre que nada necesitabas.

OLIVIA Delicadeza por delicadeza. Yo tenía la de no pedir; tú has tenido la de no ofrecer.

MATEO He creído siempre que me querías por mí mismo.

OLIVIA ¡Ah! No puedes dudarlo; pero debiste suponer que, por eso, porque te quería con absoluto desinterés, de algo tenía que vivir. ¿Es eso de lo que te has enterado, o te han enterado ahora? Di que ahora te conviene saberlo, pero no digas que no lo sabías.

MATEO Yo creí siempre que vivías de tu orfandad.

OLIVIA ¿Pero no sabes que mi orfandad es de ochenta pesetas? ¿Creías que yo podía vivir con ochenta pesetas?

MATEO Una mujer sola...

OLIVIA Es que yo no soy una mujer como las otras. Almuerzo y como todos los días; tengo un pisito en que vivo; una criada que también almuerza y come como yo.

MATEO No lo eches a broma. Demasiado sé yo que con ochenta pesetas no se vive. Pero tú tienes buenas amistades que podían ayudarte en algo.

OLIVIA Si creerás tú que nadie ayuda como tú dices, por la linda cara de una. Es decir, si ayudan es por eso.

MATEO ¿Y te has vendido?

OLIVIA Eso que lo digan los otros. Tú sólo debes decir: «¿Y te has regalado?»

MATEO ¿Y dices los otros? ¿No era uno solo?

OLIVIA Supongamos que han sido muchos. ¿Creerás tú que ha sido por mi gusto? Qué más quisiera la modista que una sola cliente le comprara todos los vestidos; qué más quisiera el médico que un solo enfermo le pagara todo lo que él necesita para vivir; qué más quisiera el empresario que un solo espectador le tomara todas las localidades; que

más quisiera el Gobierno que un solo contribuyente sostuviera todas las cargas del Estado.

MATEO ¡Qué ridículas comparaciones!

OLIVIA Pues sin comparaciones. Qué más quisiera yo que uno solo me diera todo lo que yo necesito, y ése fueras tú.

MATEO Entonces sería yo solo, ¿verdad? Un cariño interesado.

OLIVIA Pues si lo quieres desinteresado, tengo que engañarte, y si quieres que deje de engañarte, tiene que dejar de ser desinteresado. Elige.

MATEO Las mujeres, en cualquier cuestión, no comprendéis más que los extremos.

OLIVIA El término medio en esta cuestión sería que yo te engañara un poco menos, y tú pagaras un poco más. El resultado, el mismo. Di que las mujeres tenemos un sentido más claro de la realidad, y los hombres no tenéis más sentido que el de vuestro egoísmo. Comprenderás que, puesta a engañarte, te hubiera engañado a mi gusto: con el chófer de mi amiga Julia, que es un buen mozo; con el fontanero que vino el otro día a componer el baño, que es un Apolo. Pero los demás... Si los conocieras comprenderías que no pudo haber sido por gusto. ¿De quién te han hablado? ¿Qué sabes?

MATEO Yo sospechaba de uno sólo. Ahora veo con horror que tú misma no puedes contarlos.

OLIVIA ¡Ah! Sí, sí. Los contaré si quieras. Las situaciones claras.

MATEO ¿Llamas claridad al cinismo?

OLIVIA A mí me parece más cinismo la obscuridad.

MATEO ¿Qué obscuridad?

OLIVIA La tuya. En la que a ti te gustaba vivir, porque era más cómodo.

MATEO ¿Qué quieres decir con eso de la comodidad?

OLIVIA Hijo mío, que de tonto o sinvergüenza no te escapas. Elige.

MATEO Pues no soy tonto ni sinvergüenza, que te conste.

OLIVIA Ya sabes que yo he estudiado la carrera de Comercio, y sé algo de Matemáticas, Tú no, por lo visto.

MATEO ¿Qué tendrán que ver las Matemáticas con todo esto?

OLIVIA ¡Ah! Pues en este mundo todo puede explicarse por Matemáticas. Ecuación de primer grado: ochenta pesetas de mi orfandad, más cariño desinteresado, igual equis. En esa equis pon todo lo que yo he necesitado para vivir en ese tiempo, y tendrás la ecuación resuelta. ¿Lo quieres más claro?

MATEO ¡Eres una miserable!

OLIVIA Supongo que esa increpación se la dirigirás a tu conciencia, que es la que te ha estado engañando miserablemente. Yo no. Yo no engaño. Suponía, debía suponer que te lo figurabas todo. Te agradecía que no me preguntases nada. «Acepta la situación porque la ha comprendido», pensaba yo. Por lo visto, la aceptabas sin comprenderla, y no la hubieras comprendido nunca si el sinvergüenza de tu amigóte no te hubiera enterado de lo que él, y como él otros muchos, estaban enterados. Y eso es lo que te importa: la opinión de los demás. La mía, la tuya, la nuestra, ésa no importa. Yo sólo pensaba: – Le quiero y me quiere, y porque nos queremos todo nos tiene sin cuidado.» Porque yo no me parecía mal; me parecías tú bien. Ahora te parezco yo mal, tú tienes que parecerme peor. Si tú me calificas como me corresponde, yo te calificaré recíprocamente. Del concepto que tú tengas de mí depende el que yo deba tener de ti. Si piensas que por creer que yo he querido a algunos más que a ti te dignificas con tus celos, pierdes el tiempo, porque yo no quiero a nadie más que a ti. Me he sacrificado porque te quería, y quería que mi cariño fuera desinteresado, para que no dudaras nunca de él.

MATEO ¿Te has sacrificado?

OLIVIA Sacrificado, sacrificado. ¡Si creerás que ha sido por mi gusto! Y la única vez que he dejado de sacrificarme, aquí tienes el resultado; porque, bueno es que lo sepas, si el sinvergüenza de tu amigóte, ya sabes que me refiero a Pérez Méndez, te ha ido contando cosas, muy mal contadas; porque él sólo te ha hablado de uno, para que tú creyeras que yo tengo un amante.

MATEO Y no es uno: son muchos.

OLIVIA No son tantos; pero como si lo fueran; eso te probará que no puede ser un amante. Pero eso es lo de menos; lo que importa que sepas es quo si el sinvergüenza de Pérez Méndez te ha soliviantado ha sido porque andaba detrás de mí; y como yo, alguna vez tenía yo que hacer mi gusto, no he consentido en acostarme con él, por eso... No me negarás el derecho a no ser yo siempre la que se sacrifique... Y ya lo ves, para una vez que no me sacrifico, es para que tengamos un disgusto. ¿Lo ves cómo los hombres sois unos egoístas?

MATEO ¿Qué Pérez Méndez andaba detrás de ti?

OLIVIA Ahí está la muchacha; ella te dirá si no tuve que llamarla una tarde que, aquí mismo, sentada yo donde estás tú, quiso atropellarme como un salvaje. Acuérdate que cuando viniste te extrañó verme con otro vestido. ¡Como que me hizo un desgarrón en la blusa egipcia! Ya habrás notado que no he vuelto a ponérmela.

MATEO ¡Como sea verdad!

OLIVIA Y además te habrá pedido dinero, y tú se lo habrás dado.

MATEO ¡Te lo ha dicho él?

OLIVIA Quinientas pesetas. Se atrevió a ofrecérmelas.

MATEO ¡Miserable! ¡Me había sacado mil!

OLIVIA ¡Si llego a saberlo! ¡Lo ves? Para una vez que no me he sacrificado, te cuesta el dinero y tenemos un disgusto. ¡Ves como sois los hombres? Os dejáis engañar de cualquiera, y luego venís a pedir cuentas a una pobre mujer cuando se sacrifica por vosotros; cuentas de su fidelidad... Pero ¿qué es la fidelidad? Yo he sido fiel a tu cariño, aunque no te lo haya sido a ti. Si yo te hubiera faltado por mi gusto, hubiera sido la mujer más despreciable; pero como vosotros no sabéis hacer más que vuestro gusto, como no dais ninguna importancia a vuestras infidelidades, creéis que las mujeres tampoco les damos ninguna, que es por capricho, por vanidad, por diversión, como vosotros. No, hijo, para una mujer estas cosas son muy serias. A mí me dirían que una mujer se había acostado con un regimiento, y nunca se me ocurriría pensar mal de ella. Diría: «Desgraciada; estoy segura de que no ha sido por su gusto; llevaba una idea, una idea grande. Es una Juana de Arco.»

MATEO Abusas de los textos históricos. Juana de Arco se distinguió por lo contrario.

OLIVIA ¿Y crees tú que eso la engrandece a mis ojos? De la otra manera sería más grande; yo la hubiera canonizado dos veces.

MATEO Eres enorme, Olivia. Nietzsche y tú...

OLIVIA No; yo sólo soy una mujer que ha leído un poco y que ha visto mucho.

MATEO Eso sobre todo; pero eres enorme, grandiosa; me anonadas. (*Dirigiéndose al público.*) Que te perdonen estos señores como yo te perdono.

TELÓN

REFERÊNCIAS

BENAVENTE, Jacinto. *Teatro*. Tomo vigésimo octavo. Madrid: Livraria de los sucessores de Hernando, 1923. Disponível em: <<https://archive.org/details/teatrobe28benauoft>>. Acesso em: 23 mar. 2020.

FRUTOS, María Francisca Vilches de; DOUGHERTY, Dru. *La Escena Madrileña Entre 1926 y 1931: Un Lustro de Transición*. Madrid: Editorial Fundamentos, 1997.